

“Que cabelo é esse?”: uma narrativa antropológica em torno das tecnologias capilares afrodiaspóricas

LUANE BENTO DOS SANTOS 

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro, RJ, Brasil

luanebentosantos@gmail.com

DOI 10.11606/ISSN.2316-9133.v32i2PE211206

resumo Este texto tem por objetivo discorrer acerca da trajetória de estudos da pesquisadora no campo da Antropologia Social e das Relações Étnico-raciais. Para isso, o artigo descreve os processos de elaborações intelectuais e investigações etnográficas que foram realizados pela pesquisadora durante a realização das pesquisas. O trabalho apresenta as principais preocupações e perguntas que existiram durante a execução das pesquisas. Os temas abordados no texto são os processos de construção da identidade negra a partir do corpo e cabelo e a reivindicação das trabalhadoras conhecidas como trancistas e trançadeiras afro, enquanto uma categoria ocupacional distinta das cabeleireiras/os. Os métodos e técnicas de pesquisas utilizados foram: Etnografia, observação participante, entrevistas semiestruturadas, revisão de literatura e levantamento bibliográfico

palavras-chave Identidade; Corpo e Cabelo; Etnografia; Trancistas.

“What hair it that”? an anthropological narrative about afro hair technologies in the diaspora

abstract The purpose of this text is to discuss the researcher's studies on topics related to the field of Social Anthropology and Ethnic-Racial Relations. For him, the article describes the processes of intellectual elaborations and ethnographic investigations that were carried out by the researcher during the investigation. The work presents the main concerns and questions that existed during the execution of the investigation. The themes addressed in the text are the processes of construction of the black identity from the body and the hair and the claim of workers known as trancistas and afrotrenzadores, as an occupational category differentiated from the peluqueros. The research methods and techniques used were: Ethnography, participant observation, semi-structured interviews, literature review and bibliographical survey.

keywords Identity; Body and Hair; Ethnography; Braiders.



e211206

<https://doi.org/10.11606/ISSN.2316-9133.v32i2pe211206>

Trançando narrativas

Os usos e significados políticos, sociais e culturais dados aos cabelos crespos e aos penteados afro da população negra têm sido tema de investigação cada vez mais frequente no campo das Ciências Sociais, principalmente na área de Antropologia Social. Neste artigo, pretendo relatar como trilhei uma trajetória de pesquisa dedicada aos estudos da capilaridade crespa/negra em território afrodiaspórico. O presente trabalho é apoiado em estudos do campo da Antropologia Social, Antropologia do Corpo e das Relações Étnico-raciais. Os métodos e técnicas utilizados foram: diário de campo, observação participante, entrevistas semiestruturadas, levantamento bibliográfico e revisão de literatura. O objetivo do texto é narrar as principais questões, obstáculos e dilemas no processo de construção dos trabalhos de graduação, mestrado e doutorado realizados pela pesquisadora no campo das Ciências Humanas e Sociais. Para isso, o artigo está estruturado em três seções, a saber: na primeira parte, discorro sobre o aumento das produções teóricas acerca da temática e os métodos, objetivos e justificativas. Na segunda parte, descrevo o processo de elaboração de cada trabalho. Por fim, na terceira parte, apresento as considerações finais.

Cabelo crespo: um novelo para investigações antropológicas

Desenvolvo trabalhos em torno da construção estética negra desde a graduação em Ciências Sociais/UERJ. Para a monografia do curso, escrevi um trabalho apoiado nos referenciais teóricos do campo da antropologia social, antropologia do corpo e relações raciais. O estudo teve como objetivo compreender como mulheres negras inseridas no nível superior construía suas identidades corpóreas. Neste estudo, o cabelo e a cor da pele foram os principais elementos apontados como relevantes para a construção da identidade étnico-racial. O racismo e as discriminações raciais foram abordados como responsáveis pelos traumas e fraturas na subjetividade das minhas interlocutoras. Naquela época (2008-2009), tive o entendimento que as ações racistas praticadas, no cotidiano, em relação à estética e fenótipo negro criavam nas pessoas negras uma baixa autoestima e processos de autodepreciação e negação da pertença racial.

Realizei quinze entrevistas semiestruturadas com mulheres negras, do estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia. Todas demonstraram incômodo e denunciaram em seus depoimentos a falta de representatividade positiva da população afrodescendente na sociedade brasileira. De acordo com seus relatos, a invisibilidade para a participação do negro na construção da história, da ciência e tecnologia e no lugar de beleza era um problema encontrado nas escolas, meios de comunicação, universidades e mercado de trabalho.

Os resultados do estudo me levaram a querer construir outras narrativas para o corpo e cabelo afro. Se, durante a escrita da monografia os conceitos de racismo, discriminações raciais, auto ódio e autoestima apareceram destacados para que fosse contada a história de vida e a construção corpórea da mulher negra, na dissertação de mestrado realizada no CEFET-RJ, procurei expressar que no entrelaçar dos trançados afro havia conhecimentos e saberes chamados no campo da Educação de etnomatemáticos.

Estes tipos de conhecimento já apareciam com frequência na minha rotina, pois neste período exercia a ocupação de trancista afro. Nesta ocupação a busca por atualização das técnicas dos trançados é frequente. Por essa razão, ao perguntar a outras trancistas sobre a elaboração de um trançado, notei que havia na preparação e confecção do penteado a presença de conhecimentos etnomatemáticos. Uma simples pergunta de como realizar a elaboração do penteado afro para uma trancista, me revelou um conjunto de conhecimentos: matemáticos, artísticos, filosóficos, históricos e religiosos. Dessa maneira, notei que minhas descrições poderiam ser encaminhadas para outras perspectivas sobre o corpo e o cabelo.

Quando era trancista afro, inúmeras vezes ouvi queixas das minhas clientes, majoritariamente mulheres negras, sobre seus corpos e cabelos. Meus ouvidos sempre eram emprestados para ouvir e minha boca servia para pronunciar palavras de aconselhamento, falas que contribuíssem no processo de autoaceitação das características fenotípicas das pessoas negras. Como explica Gomes (2006):

As cabeleireiras e os cabeleireiros étnicos não são “psicanalistas de plantão”, embora trabalhem cotidianamente com individualidades, traumas, subjetividades, imagens, autoimagens, discurso, linguagens. São profissionais da estética negra [...] sensíveis à questão racial, que atravessam a sua história de vida. (Gomes, 2006: 181)

Neste sentido, as trancistas também exercem em seus trabalhos o papel de terapeutas, elas aconselham e dão para seus clientes alternativas para se pensarem, olharem e, sobretudo, se amarem. Ser sempre requisitada para ouvir e intervir na corporeidade e pensamento das pessoas me levou a compreender as dimensões políticas e culturais que existem na ocupação das trancistas. Essa foi a primeira forma de reconhecimento que compreendi em torno da ocupação. Posteriormente, nas buscas por aprender novas técnicas, percebi a presença da matemática. Assim, em 2011, submeti o pré-projeto de pesquisa “Etnomatemática das tranças afro” para o mestrado do CEFET-RJ, após a aprovação no processo seletivo, dei andamento a pesquisa com bolsa da FAPERJ.

É importante salientar que durante o mestrado, tive como objetivo desenvolver um olhar para o familiar, para o trançar dos cabelos, e como poderia ser usado nos contextos escolares para ensinar matemática e criar representatividades afirmativas em torno do corpo e cabelo crespo dos negros. Em síntese, a proposta do trabalho era a valorização do corpo e cabelo crespo através do ensino de matemáticas. Chamo esse processo de familiar porque as tranças são penteados que adotei durante toda a minha trajetória de vida. Usei tranças na infância, na adolescência e na juventude, as utilizei para realizar o rito de passagem conhecido como “transição capilar” (Cruz, 2019). Ademais, essa forma de tecnologia capilar era presente nas cabeças das minhas familiares, das primas mais velhas a minha avó materna. Compunha a estética capilar das colegas negras da minha infância e que residiam no meu antigo bairro de moradia, Pendotiba (Niterói-RJ). Por ter uma trajetória de vida marcada pelo uso das tranças afro, nunca as percebi apenas como uma

fonte de renda, ao contrário, elas estiveram no lugar do afeto e dos processos criativos que desenvolvi.

Neste contexto de sociabilidade “trançada” aprendi desde cedo que “Para ficar bonita tem que sofrer!”. Em diversas ocasiões, essa frase é usada para atenuar os processos de sofrimento que estão contidos no ato de embelezar-se, ela relativiza a dor que sentimos para obter cabelos esticados, entrelaçados ou alisados. Como considera Cruz (2019) na busca pela beleza adota-se comportamentos rituais de sacrifícios que são encarados como necessários para obter a leveza nos fios crespos.

Do mesmo modo que para obter beleza está incutida todo um processo ritual de sofrimento, no ensino de matemática a trajetória é de sofrimento e sacrifício para muitos estudantes. No entanto, o sofrimento que a matemática tradicional ocasiona em muitos alunos não significa que todos conquistaram no final o objetivo desejado no contexto escolar: ser aprovado em matemática.

Por saber dos índices educacionais e da relação da comunidade negra com esta área de pesquisa, tive mais motivações para escrever a dissertação e mostrar que o nosso fazer matemático está trançado nas cabeças. Apesar de me dispor a escrever sobre um tema que já era abordado na academia estadunidense desde a década de 1990 (Gilmer, 1998) no Brasil a resistência à temática foi e é ainda constante. “Como assim existe a presença de matemática no cabelo trançado de pessoas negras?”. Logo o cabelo afro, que é a parte do corpo negro onde se atribui a ideia de inferioridade, onde se faz chacota e tenta-se legitimar as crenças evolucionistas de superioridade racial a partir de adjetivos como “bom” e “ruim”.

O estudo de mestrado articulou o campo de estudo da Etnomatemática com o da Antropologia Social. Para esclarecimento, informo o que é considerado etnomatemática:

É uma área de conhecimento científico que tem como finalidade contestar as práticas matemáticas acadêmicas e escolares como não sendo as únicas formas de sistemas de contagem, classificação, organização, medição e inferência. É de interesse da Etnomatemática estudar as práticas de elaboração matemática dos grupos humanos, entendendo-as como práticas heterogêneas de fazer matemático, conectadas às características culturais e às necessidades tecnológicas de cada grupo (Santos, 2013).

Nesta aliança entre as três áreas de pesquisa, descrevi como as práticas e técnicas corporais dos trançados afro eram permeadas de conhecimentos matemáticos. No trabalho de campo, realizado em um salão de beleza étnico, localizado no bairro da Lapa, cidade do Rio de Janeiro (RJ), observei que as trançistas utilizavam conhecimentos matemáticos como álgebra e geometria para confeccionarem os trançados.

No contexto escolar a população negra é escrita como grupo que mais tem dificuldades para aprender matemática, nos locais de trabalho das trançistas a matemática é um conhecimento extremamente utilizado, em outras palavras, as trançistas “dão um banho” de saber e apropriação da matemática. Certamente, falta às instituições de ensino utilizar este saber e fazer para ensinar matemática com a devida valorização das culturas africanas e afrodiáspóricas. Apesar dos olhares desconfiados, o tema vem ganhando espaços nas discussões acadêmicas, instituições educacionais e está presente em materiais didáticos da Secretaria Municipal da Educação (SME-RJ), da Secretaria Estadual de Educação

(SEDUC-BA), além de ser aplicado por docentes e pesquisadores da matemática em seus trabalhos.

Como estive focada em apresentar os conhecimentos matemáticos das trançistas ao longo do mestrado, confesso que não tive a chance de trazer outros aspectos do universo ocupacional. Por esse motivo, no ano de 2017, submeti projeto de pesquisa para doutorado no campo das Ciências Sociais (PUC-Rio) e em 2018, comecei o curso e apesar da ocasião da pandemia de Covid-19, defendi o trabalho em 2022.

A pesquisa de doutorado foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, com trançistas residentes da Zona Norte, Zona Oeste e Centro da cidade. Também participaram da pesquisa trançistas moradoras dos municípios da Baixada Fluminense (São João de Meriti e Nilópolis). O objetivo da pesquisa foi compreender como as trançistas demarcavam fronteiras identitárias para se distinguirem das cabeleireiras. Geralmente, as pessoas que não são usuárias de penteados trançados, consideram que as trançistas são cabeleireiras. No entanto, a tentativa de assimilação da categoria à profissão de cabeleireira é cada vez mais questionada, criticada e rejeitada por quem assume a identidade de trançista. Entender as aproximações e conflitos existentes para a construção dessa identidade de trabalho foi foco da pesquisa.

Ao longo do isolamento social, utilizei inúmeras estratégias para dar continuidade a pesquisa: questionário eletrônico e o WhatsApp para enviar perguntas e receber respostas das cinco trançistas com quem mantive contato de 2020-2022. Além dessas ferramentas, após ser imunizada com a segunda dose da vacina para Covid-19, me matriculei num curso de trançista no bairro de Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro, assisti lives pelas redes sociais como Instagram, fui convidada a participar de algumas lives com trançistas e fiz levantamento das reportagens e trabalhos acadêmicos que se dedicaram a investigar a ocupação. Sobre as reportagens, percebi que muitas colocavam o trabalho de trançistas como uma moda e que a qualquer momento poderia cair em desuso. Outras notícias propagavam como o trabalho de trançista estava articulado a uma forma de empreendedorismo negro. Não encontrei entrevistas e reportagens que abordassem dados socioeconômicos e descrevessem a trajetória de vida das mulheres que sobrevivem economicamente dessa ocupação.

No universo acadêmico apenas dois trabalhos foram realizados em programas de pós-graduação no Brasil sobre a ocupação. As dissertações de mestrado de Silva (2013) e de Songa (2017) no campo da Antropologia Social.

Teses sobre o tema não foram encontradas no banco de teses e dissertações da CAPES. No campo de estudos que desenvolveram análises sobre os usos e sentidos dados aos cabelos da população negra, a figura da trançista não era descrita. Observei uma certa assimilação entre a figura da trançista e de cabeleireiras étnicas ou então um apagamento das atividades especializadas que somente as especialistas das tranças exercem nos salões de beleza.

Ao visitar um salão de beleza no começo do trabalho de campo, em São João de Meriti, me deparei com as transformações das técnicas de trabalho da ocupação de trançista e com a emergência de um discurso identitário de trabalho. Questão que não apareceu quando realizei os estudos anteriores. O salão de beleza que visitei era diferente

de todos outros salões que frequentei na minha trajetória de vida e de pesquisas. Meu primeiro estranhamento foi em relação à oferta dos serviços prestados: venda de cabelos sintéticos, acessórios para enfeitar os trançados e roupas. Geralmente, os salões costumam vender produtos cosméticos para os cabelos. Além disso, o salão de beleza não retirava as tranças, não cortava cabelos e nem tirava as tranças dos clientes. Demorei a compreender que aquela configuração de negócio era a nova concepção da atualidade de salões étnicos.

Outro fato relevante foi a afirmativa da dona do local ao dizer que “trancistas não é cabeleireira!”. Reflexão que até aquele momento não tinha a realizado, pois como muitas pessoas assimilava as duas ocupações. Somente ao começar a investigação do universo das trancistas compreendi que havia distâncias e aproximações entre os dois grupos de trabalhadoras (Barth, [1979], 2000). Cabe mencionar que a reivindicação das trancistas de serem vistas como outra categoria ocupacional é um modo encontrado para obter direitos, sair da tutela dos sindicatos e organizações dos cabeleireiros e sobretudo afirmar que seu trabalho é uma prática social e cultural ligada a afirmação da corporeidade negra e exaltação da estética. Uma expressão cultural afrodiáspórica.

Assim, procurei tecer um trançado de ideias sobre capilaridade afrodiáspórica, principalmente sobre as mulheres negras que são responsáveis por incentivar um quantitativo significativo da população negra e branca a carregarem em seus Oris (cabeças) uma estética entrelaçada afirmativa. Perguntas norteadoras como: quem são as trancistas? O que diferencia esse grupo ocupacional do grupo profissional dos cabeleireiros?

A pesquisa traçou uma rota marítima pelo Atlântico Negro e apresentou questões importantes para a compreensão da ocupação das trancistas. Foram elencados dados sobre renda média, escolaridade, religiosidade, identificação racial, doenças ocupacionais dentre outras categorias que podem contribuir na construção de políticas públicas. Outrossim, foi destacado as trocas simbólicas entre trancistas africanas, brasileiras e estadunidenses. Além disso, abordei as cosmovisões negro-africanas presentes na prática cultural. Trancistas afirmam que se sentem escolhidas pela ancestralidade para exercerem o ofício, uma prática que de certo modo coaduna com eleições espirituais que ocorrem no Sudoeste do território de Angola (Songa, 2017).

Considerações Finais

Para finalizar, este texto procurou expressar em poucas linhas toda a trajetória da pesquisadora em investigar as construções de corporeidade e beleza negra, sobretudo, a preocupação em olhar para as pessoas que manipulam os cabelos afro e executam um trabalho político de afirmação e valorização do repertório cultural afrodiáspórico. Considera-se que a temática é relevante para a compreensão da construção da corporeidade negra no contexto brasileiro. Além disso, as questões ligadas à estética negra estão cada vez mais presentes em debates na sociedade. Uma mirada antropológica para a temática pode revelar minúcias, problemas sociais e, sobretudo, formas de lidar e superar os efeitos das discriminações raciais na subjetividade negra.

Referências Bibliográficas

- BARTH, Fredrik. 2000 [1969]. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In *O guru, o iniciador e Outras variações antropológicas* por Fredrik BARTH, 1-11... Rio de Janeiro: Contracapa.
- CRUZ, Denise F. C. 2019. *Que beleza busca Vanda?* Ensaio sobre cabelo no Brasil e em Moçambique. Belo Horizonte: Letramento.
- GILMER, Gloria. Mathematical patterns in African-American hairstyles. In: *Mathematicians of the African Diaspora*, University of New York at Buffalo. Disponível em: http://www.math.buffalo.edu/mad/special/gilmergloria_HAIRSTYLES.html. Acesso em: 12/09/2021.
- GOMES, Nilma L. 2006. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica.
- SILVA, Ciranilia C. 2013. *Vidas trançadas: a vivência e o trabalho das trançadeiras do Centro Histórico de Salvador/BA*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- SONGA, E. N. 2017. *(Re) significações das tranças e outros penteados em Angola: as moças das tranças na “Praça Nova” da cidade do Lubango*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

sobre a autora

Luane Bento dos Santos

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica/PUC-Rio (2018-2022). Mestre em Relações Étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/ CEFET- RJ (2013). Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ (2010). Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense/UFF (2014). É professora de Sociologia e Filosofia da Educação Básica no Ensino médio regular e na Educação de Jovens e Adultos/EJA desde o ano de 2013. No ensino médio desenvolve atividades que têm por objetivo aplicar as legislações federais de n. 10.639/2003 e 11.645/2008 de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e História e Cultura Indígena nos currículos de Sociologia. Possui experiência em Antropologia Social, Ensino de Sociologia, Etnomatemática, Educação e Relações Étnico-raciais e Gênero. Tem interesse nos seguintes temas: Antropologia e Sociologia do Corpo, Antropologia dos Sentidos, Corporeidade Negra Feminina, Formação Docente para as Relações Étnico-raciais, Práticas Pedagógicas dos

Movimentos Sociais nos espaços Educativos (formais e informais), Produção de Conhecimento de Intelectuais Negros e Indígenas, Ciência e Tecnologia Africana e Afrodiaspórica

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Não houve

Recebido em 28/04/2023.

Aprovado para publicação em: 01/08/2023